

PRÁCTICAS COMUNICATIVAS EN EL CIBERESPACIO: EL HIP-HOP EN LAS REDES COMO EXPERIENCIA SOCIAL Y FORMA DE RESISTENCIA

Práticas Comunicativas no Ciberespaço: O Hip-Hop nas Redes Como Experiência Social e Forma de Resistência

Communicative Practices in Cyberspace: The Hip-Hop in Networks as Social Experience and Form of Resistance

*Recibido: 19 de Abril 2015
Aprobado: 12 de Mayo 2015*

Paulo Cesar Pontes Fraga

Universidade Federal de Juiz de Fora

País de Origen Brasil

paulo.fraga@ufjf.edu.br/pcp_fraga@yahoo.com.br



Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2004). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora, sendo membro do corpo de docentes efetivos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do colegiado do Departamento de Ciências Sociais. Realizou pós-doutoramento na École de Criminologie da Universidade de Montreal. É bolsista de produtividade em pesquisa (CNPq) e tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Violência, atuando principalmente nos seguintes temas: violência, direitos humanos, drogas e políticas públicas.

Rogéria da Silva Martins
Universidade Federal de Viçosa
Brasil
rogerialma@yahoo.com.br



Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998), Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2007) e Doutora em Políticas Públicas, no Centro de Ciências Sociais e Humanidades, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Atualmente é professora do Departamento de Ciências Sociais, na Universidade Federal de Viçosa - MG. Tem experiência na área de ensino, pesquisa e extensão no campo das políticas educacionais e ensino de sociologia, sociologia jurídica, direitos humanos no suporte em formulação de políticas para geração de renda, educação e trabalho.

Tâmara Lis Umbelino
Universidade Estácio de Sá
Brasil
tamaralis@hotmail.com



É professora da Universidade Estácio de Sá, campus de Juiz de Fora é doutoranda em Ciências Sociais (UFJF); Mestre em Ciências Sociais pela UFJF (2008), Especialista em Políticas Públicas pela UFJF (2006). possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atuou no mercado como produtora, repórter e coordenadora de jornalismo de emissoras de rádio de Juiz de Fora e como repórter de impresso e web.

Maria Fernanda de França Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora
Brasil

fernandinha_fp@yahoo.com.br



Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2008). Mestre em Comunicação, pela mesma instituição, na área de concentração em Comunicação e Sociedade, linha de Comunicação e Identidades

Resumen

Este trabajo reporta la discusión de las prácticas comunicativas, mientras experiencia social de jóvenes, que se expresan de diversas formas en el movimiento hip-hop en Juiz de Fora, en las redes sociales y en el ciberespacio. Los análisis que se presentan son productos sociales redes de búsqueda como la construcción de espacio de las identidades de los jóvenes negros en las cercanías de Juiz de Fora, desarrollados con fondos de FAPEMIG y PLUG-MINAS. La investigación utiliza diversas técnicas de recolección de datos tales como observación directa, cuestionarios y supervisión de los blogs en las discusiones de grupo por medio de las redes sociales, tratando de entender el esfuerzo de la construcción de la identidad han sido elaborados por los jóvenes practicantes de hip-hop, principalmente a través de las relaciones que se establecen en las reuniones en los eventos y en el espacio de Internet.

Palabras clave: jóvenes, redes sociales, hip-hop, prácticas de comunicaciones

Resumo

Esse trabalho se reporta a discussão de práticas comunicativas, enquanto experiência social de jovens, que se expressam de maneiras diversificadas a partir do movimento *hip-hop* em Juiz de Fora, no âmbito das redes sociais, no interior de ciberespaços. As análises aqui apresentadas são produtos da pesquisa *Redes sociais como espaço de construção de identidades para jovens negros da periferia de Juiz de Fora* desenvolvida com recursos da FAPEMIG e do PLUG-MINAS. A mesma utiliza-se de técnicas diversificadas de coleta de dados como a observação direta, a aplicação de questionários e o acompanhamento de discussões de grupos em *blogs* ou pelas redes sociais, na busca de compreender o esforço de construção de identidades vêm sendo trabalhada por jovens praticantes do *hip-hop*, por meio, principalmente, das relações estabelecidas nos encontros em eventos e pelo espaço da internet.

Palavras-chave: juventude, redes sociais, hip-hop, práticas comunicativas

Abstract

This article reports the discussion of communicative practices, while social experiential youth who express themselves in diverse ways from the hip-hop movement in Juiz de Fora, in social networks, within cyberspace. The analyzes focused the social networks search products like building space of identities for young black men on the outskirts of Juiz de Fora developed with funds from FAPEMIG and PLUG-MINAS. The same makes use of diverse techniques of data collection such as direct observation, questionnaires and monitoring of blogs in group discussions or through social networks, seeking to understand the identity construction effort have been crafted by young hip-hop practitioners, primarily through the relationships established in the meetings at events and at the internet space.

Keywords: youth, social networks, hip-hop, communication practices

Introdução

Este artigo baseia-se em parte dos resultados da pesquisa *Redes sociais como espaço de construção de identidades para jovens negros da periferia de Juiz de Fora*. O objetivo da investigação foi verificar a relação de jovens negros com as redes sociais na busca de fundar um espaço de interação e de práticas de resistência. O movimento, caracterizado pela dança *hip hop*, envolve diferentes práticas comunicativas, relacionando não só a configuração de um estilo coreográfico e musical, mas, também, envolvendo práticas comunicacionais ligadas à natureza de uma dada cultura popular, ou cultura de rua, envolvendo a perspectiva transformadora do espaço urbano de configuração identitária.

O hip hop desenvolve formas variadas de estilo de dança, como o *breakdance* a partir da configuração de elementos improvisados da *street dance*; baseados no desenvolvimento de um estilo musical; bem como um estilo de roupa e práticas lingüísticas próprias desenvolvidas nos espaços urbanos, como as gírias utilizada pelos integrantes do movimento que tem a função de agir como elemento de identificação e de congregação social em meio aos demais grupos (Ribeiro, 2006). A perspectiva da constituição de uma manifestação cultural, baseada num determinado movimento juvenil, inaugura, enquanto elemento reivindicatório identitário, no reconhecimento de lutas emancipatórias dessas minorias historicamente discriminadas.

O movimento hip hop tem sua configuração datada a partir da década de 1970, nos EUA, amplamente, influenciado por grupos étnicos afros e latino-americanos. No Brasil a gênese desse processo começou no final desse período, configurando-se de forma gradativa e com uma dada invisibilidade, ampliando-se na década de 1980, no contexto da eclosão dos movimentos sociais, ou seja, lutas por demandas de gênero e raça no processo de construção de um novo modelo reivindicativo com características multiculturais (Ribeiro, 2006).

Esse processo embrionário daquilo que viria a se tornar o *hip hop* brasileiro se caracteriza como o momento final do período de apogeu dos denominados “bailes blacks” das décadas de 1960 e 1970, onde a consciência racial e orgulho negro divulgados via *soul music* conjuntamente com artistas nacionais como Jorge Ben(jor), Tim Maia, Cassiano, Gerson King Combo entre outros, começavam a gerar uma nova ação comportamental, em especial na camada mais jovem da população afro-descendente. As equipes de dança surgidas nestes bailes, com o declínio dos “bailes blacks” no final dos anos 1970,

passam a dançarem um ritmo diferente, com seqüências, com passos “quebrados” e compassados, que viam em reportagens televisivas ou através de fotografias em matérias de revistas importadas. (Ribeiro, 2006, p.3)

Somente no final dos anos 1980 e início da década de 1990 é que o movimento hip hop alcança áreas centrais dos centros urbanos, assumindo uma notoriedade na espacialidade urbana, atomizando suas demandas de precariedade social. Logo, o movimento desperta denúncias de ações discriminatórias, tanto do ponto de vista racial, quanto na sujeição criminal¹ caracterizada pela violência policial.

O avanço desse movimento à contemporaneidade ganhou configurações próprias no ciberespaço, enquanto um arauto nas lutas por reconhecimento das periferias urbanas, configurando experiências juvenis no exercício de uma prática política comunicacional.

Malgrado espaços outros de sociabilidades, como trabalho, rua e escola; são esses espaços virtuais onde os jovens, ao contrário do que acontece muitas vezes na escola e no meio profissional nos quais atuam, dinamizam questões que de fato, os incomodam e tentam trabalhar a construção de uma reflexividade; bem como produzem uma prática comunicacional interativa, dinâmica e de larga escala. O recurso disponível, via o meio ciberespaço otimiza as potencialidades constituídas por esse grupo de jovens.

Não que os jovens não desenvolvam sua capacidade reflexiva em outros espaços como a escola, o trabalho e a rua. Ao contrário, mas nas redes sociais há maior expressividade pela própria configuração desses espaços e pela maior identidade entre as pessoas que nelas interagem.

Nesse sentido, a construção de vínculos sociais que levam a formação de um grupo concreto (Mannheim, 1982) que estabelecem uma dinâmica identitária própria, dinamiza a capacidade de ação transformadora desses grupos. Foracchi (1972) sinaliza que o grupo possui uma adequação social que lhe é própria e que, embora, regulamentado por controles espontâneos,

¹ Sujeição criminal é um termo cunhado por Misse (1999) para caracterizar a punição *a priori* de determinados perfis sociais, a partir de uma interpretação aleatória da polícia, da moralidade pública e das leis penais.

tem pouquíssima margem de compromisso com a ordem institucional vigente. Subsiste, assim, a geração como presença histórica e social,

Do ponto de vista da prática comunicacional, enquanto uma experiência, Dubet (1996) inaugura estudos sobre a relação dos jovens com o processo de exclusão em espaços institucionais reconhecidos socialmente. Suas pesquisas acerca da propalada violência escolar, das rebeliões nas periferias francesas e das desigualdades sociais tentam compreender como não é mais possível analisar os processos de socialização com os tradicionais arcabouços teóricos da sociologia e propõe uma nova abordagem para o tema e, conseqüentemente, para outras temáticas que se relacionam com esse processo.

O referido autor utiliza o conceito de experiência social para estudar a violência nas escolas. Num processo que corresponde à própria experiência social dos estudantes e de suas reflexões sobre o vivenciado, Dubet (2003) argumenta que os alunos mal sucedidos na escola, hoje, percebem que seus esforços na instituição escolar são inúteis e incapazes de desencadear resultados honrosos.

O conceito de experiência social é importante, neste sentido, para pensarmos o que representa o *hip-hop* e as redes sociais como práticas comunicacionais expressivas para esses jovens. A relação que esses jovens estabelecem com instituições e práticas. Os jovens das periferias de grandes, médias e pequenas cidades brasileiras são críticos aos processos que os excluem e a utilização de redes sociais, os encontros para dançar, as batalhas², formas de duelo com palavras, entre outras práticas, são expressões de suas experiências.

Este artigo busca compreender como os jovens que fazem parte do Movimento *Hip-Hop* em Juiz de Fora utilizam as redes sociais, em especial o *Facebook*, para promover o que eles consideram o quinto elemento da cultura *hip-hop* - a informação.

O conceito experiência social de Dubet (1996) atende a perspectiva interpretativa desse grupo analisado, na medida em que o grupo também se percebe na condição de excluído, mas que se utilizam de novas práticas de socialização e sociabilidades. Essa sentença é considerada premente pelo movimento hip hop, uma vez que a ocupação de lugares midiáticos tem suas

² As batalhas são diálogos entre duas pessoas, no formato do estilo musical do hip-hop. O vencedor é aquele que conseguir fazer os melhores versos e que improvisa de forma mais exitosa.

limitações classistas. Nesse sentido, o ciberespaço oferece aos movimentos sociais como mais *um lugar* de manifestação daquilo que é silenciado na grande mídia, ainda que se considerem os limites desses espaços virtuais, por razões de domínio técnico e econômico. Mittimann (2009) revela como o espaço virtual tem sido um forte instrumento de enfrentamento às dominâncias, enfrentando o controle da grande mídia e provocando novas formas de produção e circulação de discursos.

1. O campo e o método: considerações preliminares

O desenvolvimento da pesquisa exigiu uma disposição metodológica própria, de cunhos qualitativo e quantitativo. Para facilitar a comunicação com estes jovens desenvolveu-se um questionário virtual que permitisse acessar, em um primeiro momento, as informações que seriam úteis para a pesquisa como o perfil sociocultural e econômico e o uso do ciberespaço como elemento de integração, interação, identidade e de luta contra a discriminação.

O questionário foi disponibilizando em um perfil criado no *Facebook* para a pesquisa e os jovens, público-alvo da pesquisa, foram convidados a respondê-lo. Parte foi respondida na rede social e parte nos eventos “Café com hip-hop” e Encontros de MCs. Ao todo, foram respondidos 102 questionários pelos jovens. Os pesquisadores levaram ao local dois notebooks com acesso à internet e abordaram os participantes do evento, assim que chegavam, fazendo o convite para que respondessem ao questionário. Como havia um contato visual prévio, mediado pelo ciberespaço, as entrevistas foram inicialmente facilitadas pela permitida identidade do grupo, com o pesquisador. O público alvo era o jovem negro, morador de bairros periféricos e pertencente ao movimento hip hop.

Vale ressaltar que, havia uma pergunta no questionário que se referia à cor da pele, segundo os critérios de auto-definição. Nesse sentido, embora houvesse uma seleção *a priori*, em termos de classificação da pessoa pelo critério de cor da pele, utilizamos a autodefinição para preservar um critério metodológico universal disponível para a configuração de raça no Brasil. Igualmente, também, permitiu-se que pessoas que aparentemente e popularmente não se considerassem afrodescendentes preenchessem o questionário, caso quisessem. Na medida em que foi explicado o objetivo, muitas pessoas espontaneamente, sem serem abordadas,

responderam ao questionário. Neste artigo, para preservar a identidade dos informantes, os nomes citados neste estudo são fictícios.

Além da técnica de aplicação de questionários, utilizamos a observação direta de atividades dos grupos de *hip-hop*, nos encontros “Café com *hip-hop*”³ e das batalhas⁴ de MCs realizadas na Praça da Baleia, localizada no bairro Bairú, em Juiz de Fora e inseriu-se, com autorização do mediador, um pesquisador, enquanto membro do grupo fechado no Facebook para acompanhar as discussões sobre *hip-hop*.

2. Os jovens, as redes e a experiência social

Para estes jovens que encontram deficitárias oportunidades de se verem retratados nos veículos tradicionais de comunicação de massa e de, conseguirem contar sua própria história de acordo com seus valores, estabelecem protagonismo, na medida em que usam através de suas linguagens, o ciberespaço. Em especial, o *Facebook* se apresenta como importante forma de expressão e de interação, bem como potente instrumento de transformação social para esses jovens, uma vez que ocupam “um lugar” na dinâmica da circulação de informações.

A dada circulação – antes limitada a redes menores, a pequenas comunidades – hoje comparece como um recurso potencializado. Para esses jovens o ciberespaço é a possibilidade concreta de entrar nessa grande rede de significantes permitindo circular vozes outras que não as parafraseadoras do discurso da ideologia dominante (Mittimann, 2009). Maior legado dessa ação coletiva é a dinamicidade entre os movimentos de hip e hop e a expansão em grande escala de discursos de denúncias.

O grupo *Café com hip-hop*, onde muitos participantes responderam ao questionário, é um espaço para mobilizar apresentações de dança, grafite e DJs dispostos a divulgar seu trabalho em busca de novas oportunidades de emprego. Como mostrou Souto (2003), assim como acontece com o *funk*, o *hip-hop* ampliou o mercado de trabalho para os jovens oferecendo a eles perspectivas de ocupações de maior prestígio, tanto do ponto de vista objetivo quanto subjetivo, que as funções comumente desempenhadas por jovens de periferia de médias e grandes cidades brasileiras.

³Espaço no ciberespaço, com perfil na rede social Facebook.

⁴Linguagem específica de grupos de hip hop remetida a competições de dança de maneira informal ou formal.

A maioria dos jovens que respondeu ao questionário (53%) estava entre as idades de 14 a 19 anos, demonstrando como a presença de adolescentes e jovens adultos nos dois primeiros anos são significativos nesses eventos. Das 102 pessoas que preencheram o questionário, 68,3% se autodeclararam negras, 20,8% brancas, 3% amarelas e 3% indígenas. Os 5% restantes marcaram a opção OUTRO e se autodeclararam negras e índio; e negro e pardo. A maioria dos jovens ou trabalha ou estuda (80,2%). Dos que trabalham, a maioria ajuda com o que recebe a renda familiar.

O conceito de cultura negra, utilizado por Sansone (2002), balizou o tratamento desses dados, ao conferir o dispositivo de distinção social, segundo o qual ela pode ser definida como uma “subcultura” de pessoas de origem africana que, dentro de um sistema social (com ênfase no sistema de cor ou descendência) faz desta característica um importante critério de segregação. Desta forma, a cultura negra não pode ser entendida como algo fixo, pois é, claramente, fruto de relações sociais.

Assim, nem todos aqueles que, através de um sistema válido de classificação, pudessem vir a ser considerados negros, podem não se reconhecer como tal, pelo menos o tempo inteiro. Para Sansone (2002), *qualquer tentativa de definir de forma estreita o que é uma cultura negra, estabelecendo uma pretensa essência universal, funciona como um cobertor curto – deixa insatisfeitos uns e outros* (Sansone, 2002, p. 65). Nesta linha de raciocínio, os termos “cultura negra” e “raça” seriam mais bem utilizados como uma categoria nativa e não exatamente como um instrumento analítico. Opinião compartilhada por Oliveira (1976) para quem fenômenos como as “flutuações” da identidade étnica e o constante exercício da identificação étnica *devem ser interpretados como o esforço muitas vezes dramático do indivíduo e do grupo para lograrem sua sobrevivência social* (Oliveira, 1976, p. 25).

O senso comum, muitas vezes, privilegia a tendência em concentrar esses estudos a respeito dos movimentos ou manifestações culturais negras em interpretações e aproximações de um imaginário voltado para a África (Souza, 2005). Porém estudos mais recentes mostram que esta relação não se dá, necessariamente, de maneira direta. Portanto, falando em etnicidade, é fundamental levar em consideração fatores históricos, linguísticos e psicológicos. A construção da identidade é algo mais complexo do que pode parecer e se constrói diariamente no contexto das trocas sociais.

A maior presença de jovens que se autodeclararam negros era esperada, pela origem do movimento e por suas derivações em todo o mundo, altamente identificada com a discriminação e violência praticadas contra esses jovens nas periferias de grandes metrópoles no mundo. No entanto, a presença de jovens não negros ou que se autodeclararam brancos aumentou nos últimos anos na cidade, segundo alguns entrevistados.

O *hip-hop*, entretanto, transpôs seu berço inicial e se tornou uma referência para muitos jovens em todo o mundo, negros ou não. Conforme destaca Simões (2013, p.107)

Apesar desta origem geográfica e histórica particular, o *hip-hop* transpôs a esfera local e perdurou ao longo do tempo. De Nova Iorque para outros contextos norte-americanos e a partir destes para o resto do mundo. A comercialização de algumas das suas vertentes (particularmente da música *rap*) terá desempenhado um papel decisivo na globalização do *hip-hop* e suscitou, dentro do próprio meio, uma discussão acerca da autenticidade da mesma.

Do ponto de vista do gênero, foi observada também certa paridade. Rapazes e moças estão capacitados para manusear os equipamentos e o que há de mais novo em termos de tecnologia. E, esta capacitação é, para a grande maioria deles, que têm baixa escolaridade e por isto mesmo só conseguem empregos com baixa remuneração e prestígio social, a chance de serem “admirados” e assumirem a posição central nos eventos dos quais participam. Tanto na dança, quanto na composição dos DJs.

Homens e mulheres foram quase igualmente representados nos questionários respondidos, embora o Movimento *Hip-Hop* seja ainda um ambiente predominantemente masculino. Conforme foi observado na fala da estudante Isabela, 18 anos, moradora do bairro Santa Rita, periferia da zona leste de Juiz de Fora, que frequenta vários eventos ligados ao *hip-hop* na cidade.

Bom quando eu cheguei aqui na batalha da Baleia, que foi quando eu comecei a frequentar o encontro, não tinha nenhuma mulher, eu era a única mulher no encontro; também vão poucas mulheres, não porque damos pouco espaço; acho que as mulheres se sentem pouco atraídas pelo motivo de ter poucas, mas agora a gente está atraindo bastante mulheres; eu convido minhas amigas, tento chamar a atenção de uma coisa que não é só pra homem; ninguém aqui é machista.

Weller (2006) discute que nos trabalhos sobre *hip-hop* naqueles, em geral, voltados para compreender as interações sobre jovens, há uma carência na abordagem sobre a participação feminina em manifestações político-culturais, em geral e especificamente, nos estudos sobre o *hip-hop*. A autora argumenta que, neste sentido, a literatura sociológica tem sido negligente com (as) jovens do sexo feminino, não fazendo distinções entre os sexos e que em trabalhos que se tornaram clássicos sobre o que seria o estilo estético e comportamental de grupos como os *skinheads*, *ted boys*, o próprio *hip-hop* entre outros, as práticas culturais e as representações foram observadas e estudadas segundo o olhar masculino. Quando há referências, restringem-se aos aspectos de afetividade e sexualidade, afirma a autora.

Segundo Weller (op. cit.), entre os estudos feministas a omissão se dá na abordagem sobre as culturas juvenis. Para ela, essa aproximação é importante para verificar os rumos que os estudos feministas irão tomar, mas, também, para uma mudança na perspectiva de análise e compreensão sobre o que significa a condição juvenil.

Nos eventos como o “Café com *hip-hop*” e nas batalhas, a presença feminina é significativa. No entanto, as funções de maior destaque nos eventos ainda são destinadas aos jovens do sexo masculino. Em entrevista com uma participante do “Café com *hip-hop*”, Bruna, idade de 18 anos, ela destaca como foi que se interessou pelo *hip-hop* e das dificuldades de participar inicialmente por ser mulher. Verifica-se que sua participação se dá na divulgação e organização dos encontros.

Eu participo do encontro de MCs porque é o lugar que eu me sinto em casa, eu me identifico muito com o hip-hop, eu comecei a ouvir hip-hop desde cedo, e por ser mulher sempre aconteceu um preconceito muito grande e não teve como eu me instalar “noutros” grupos na periferia; tem um preconceito enorme. E por eu ser menina assim novinha é difícil. Nos encontros de MCs virei amiga de todo mundo, são meus amigos dentro e fora do encontro, me senti em casa.

Eu ajudo a organizar os eventos e eu tenho a função maior da divulgação porque eu fico por conta da página do encontro e de divulgar os eventos. Eu divulgo os flaiers, e divulgo em grupos, mando para os amigos e crio evento; aí no evento eu convido as pessoas e postobastante vídeo, bastante foto do encontro pra chamar a atenção das pessoas para irem no encontro, porque é fácil a gente falar tem um encontro, mas não mostrar ali pra chamar a atenção das pessoas.

A entrevistada ajuda a organizar os eventos promovidos pelo grupo do Encontro de MCs e conta que embora acredite que o Movimento *Hip-Hop* ajude a estreitar as barreiras entre o centro e a periferia, ainda existe preconceito.

Eu não tenho muita relação com o hip-hop da periferia. Talvez porque eu seja nova, por ser menina ou porque não sou da periferia. Acho que as pessoas têm muito preconceito com isto, por eu não estar dentro da periferia e por viver uma realidade diferente da delas.

A relação entre juventude da periferia e violência não passa despercebida pelos jovens do *hip-hop* que, por vezes, se sentem identificados como parte de uma cultura exótica, que atrai pela diferença. O MC⁵ BBoyEmê acredita que este olhar pode ser o responsável por afastar jovens ricos e pobres.

Eles acham ' maneiro ' os caras dançando, mas pô não faz nada pra ajudar. Então eu vou lá e danço. Mas eles estão me vendo como cultura simples. Toca na nossa mão, tira foto com nois, depois fica falando: ' ah.. pobre é foda. Não tem cultura direito, fica rolando no chão '.

Emê acredita ser fundamental que os jovens, conforme sua expressão, “*recém-convertidos*” ao *hip-hop* e moradores das regiões mais privilegiadas da cidade se conscientizem que o movimento deve ter um alcance e mobilização maior do que apenas a realização de festas e eventos – “*tem cara que só faz evento. Não estão preocupados em ajudar*”. Ele lembra que o movimento musical nasceu nos Estados Unidos, mas originário do **gueto**, segundo suas próprias palavras. E continua “*Ele ' tá ' aqui no gueto em Juiz de Fora*”, diz Emê.

Ele chama a atenção para um aspecto muito interessante do *hip-hop* em Juiz de Fora. Se nos bairros populares ele representa importante expressão dos jovens, na forma de utilização de determinados vestuários, na dança, no grafite, nas batalhas, ele também é visto por eles como forma de protesto. No entanto, o ritmo, a dança atrai jovens de classe média das áreas mais abastadas da cidade. Embora não se possa falar em tensões maiores entre os grupos, ao contrário, pois se observa nos eventos, tanto nas batalhas quanto no “*Café com hip-hop*”, jovens oriundos de bairros de classe média ou populares em relações harmoniosas. No entanto, foi possível

⁵MC é uma denominação comum na cultura hip hop, com significado Mestre de Cerimônia. A denominação surgiu na década de 1950, nas animadas festas dos salões jamaicanos, onde os DJs costumavam, durante a festa, conduzir a música com frases improvisadas. Mais tarde a denominação, no Brasil, é assumida como um título de cantores que trabalham com o estilo musical denominado rap.

observar distinções na forma de absorver o *hip-hop*. Para alguns jovens da periferia o *hip-hop* não é mero “*produto de consumo*”, mas expressão de luta social e de cultura.

Conforme nos relatou Hugo, jovem que participa dos eventos e compõe *rap*, o *hip-hop* é uma importante expressão cultural da cidade.

Há então, eu acho que o Hip Hop se diferencia por isso, por não ser um estilo de roupa, por ser uma cultura mesmo e dentro do Hip Hop você pode fazer várias coisas, tem várias opções. E ao invés de você ficar no ócio que é uma coisa que não tem tanto valor, você poderia estar colaborando.

Eu acho que ainda existe muito preconceito com o Hip Hop, as pessoas acham que a gente só é vagabundos e não valoriza o que a gente faz, então, o importante é a gente continuar mesmo e não ligar pra opiniões e mostrar que é tudo ao contrário do que elas pensam.

No que tange às relações compartilhadas no ambiente virtual, segundo Musso (2010), rede representa um tipo de estrutura, de interconexão estável, que se compõe por elementos que interagem entre si e cuja variabilidade obedece determinada regra de funcionamento.

Lévy (2010), analisando o que denomina de ciberespaço chama a atenção que o desenvolvimento das redes sociais, anteriormente denominadas comunidades virtuais, conheceram um desenvolvimento fulminante nos últimos anos, possibilitando que pessoas mantenham atividades de colaboração e interação nas redes de computadores, recolhendo, filtrando, redistribuindo e fazendo circular informações, influências, opiniões, atenções e reputações.

Quando perguntados sobre o acesso à internet, 38,1% dos entrevistados disseram acessar a internet mais de 12 horas por semana e 20,6% de seis a 12 horas. A totalidade dos entrevistados (100%) afirmou utilizar uma rede social, pelo menos, com frequência, o que mostra o quanto as redes sociais são importantes meios de trocas de experiência entre eles. Dentre os consultados, 95,7% utilizam o *Facebook*, 31,2% o *Twitter*, 29% *Orkut*, *Messenger* 50,5% e *Youtube* 52,7%. Desses, 79,6% dizem acessar as redes cinco ou mais dias por semana.

As redes sociais são um importante elemento de comunicação e interação dos jovens da cidade, como se esperava. Nelas compartilham informações variadas sobre diversos temas e o compartilhamento de músicas e de vídeos caseiros, onde alguns demonstram suas habilidades e dedicam parte significativa de seu tempo à rede mundial de computadores.

Gustavo, jovem que participa das batalhas de MCs na Praça da Baleia, destaca a importância das redes sociais para os adeptos do *hip-hop*. As redes sociais são vistas por eles

como forma alternativa de divulgação, pois segundo sua avaliação, as mídias tradicionais como a TV, o rádio e os jornais não divulgam o *hip-hop*.

Passa o hip-hop, a cultura ali, a arte que as pessoas falam que tem muito. Acho que se a mídia trata o hip-hop como coisa de marginal, coisa de bandido fica até meio difícil de chegar na mídia.

A gente usa muito Facebook para divulgar e geral vê lá e cola tá ligado? É assim que faz, porque por meio de mídia, essas paradas são muito difíceis ter o contato, fazer rolar.

Porque até então sempre tem que ter um assunto pra falar. Se você quer escrever uma música você tem que pensar no que vai escrever ali, pra ter um foco se não vai ficar uma parada muito desordenada, mas tem que ter foco pra fazer tipo, se você quer fazer uma letra falando de política, fala da política ali, não vai pra outros lados que você pode criticar, porque isso vai no ouvido de todo mundo. Repercussão, uma crítica.

As redes sociais, o Orkut e o Facebook hoje em dia são a porta da comunicação pra quem não tem o contato. Qualquer coisa que você postar na internet pode olhar que todo mundo vai lá ver. Acho que isso influencia bastante, porque as pessoas vão chegar olhar, ver o evento e curtir. Até as pessoas que não vêm no evento, depois vê os vídeos lá na internet e ver como que é. Entendeu?

O organizador do Encontro de MCs, Paulo Haroldo, lista a funcionalidade de cada uma destas redes: “*Você vê no Youtube milhões de acesso para vídeo, no Twitter, nas redes sociais como o Facebook, o hip-hop invadiu essas redes como outros movimentos*”. Paulo avalia que o compartilhamento de informações nesses espaços, através das comunidades virtuais possibilita uma interatividade, onde “*um pedindo para o outro e vai replicando até que chegue numa mídia pra todo mundo ver*”, afirma Paulo. Segundo ele, divulgar as ações do Movimento *Hip-Hop* em Juiz de Fora é a chance de reverter a imagem que as pessoas têm dos jovens da periferia “*de marginal para cultural*”.

Com relação à perspectiva temporal, o tempo gasto diariamente por esses jovens nas redes sociais é significativo, girando em torno de duas (28%) e cinco horas (26,9%). Os entrevistados que declaram acessar o conteúdo das redes sociais durante até uma hora por dia somaram 7,5%, enquanto um índice intermediário disse acessar durante até oito (17,2%) e acima de oito horas diárias (11,8%). Dos consultados, 3,2% declarou que nenhuma das alternativas anteriores correspondia ao tempo de acesso às redes sociais.

A grande maioria (91,3%) dos jovens acessa a internet de casa, sendo seguida pelos aparelhos móveis, como celulares e tablets (32,6%), trabalho (30,4%), *lan houses* (10,9%) e outros (30,4%). Isso mostra um aspecto interessante que é a mudança do perfil de acesso à internet. As famosas *lan houses*, para o grupo entrevistado, já não é mais a principal forma de acesso à rede, mesmo para jovens que residem fora dos bairros centrais na cidade.

Outro ponto abordado diz respeito aos assuntos e temáticas discutidas pelos jovens nas redes sociais. Mais da metade (55,4%) afirmou não discutir questões acerca da região em que vivem no meio virtual, enquanto 21,7% declararam envolvimento nessas questões, enquanto 22,8% diz discutir parcialmente essas questões. Essa característica revela uma preocupação com as demandas universais desse grupo – questões ligadas ao preconceito de cor, de classe e de composição espacial periférica; bem com a violência – não necessariamente ligadas a preocupações regionais.

Entre aqueles que têm o hábito de levar assuntos de seus bairros às redes sociais, os tópicos preferidos, apresentando um empate de 30,2%, são segurança/violência e eventos nos bairros. Em segundo lugar aparece cultura (25,6%), seguida por educação (15,1%), saúde (10,5%) e esportes (2,3%). Outros assuntos, como o Movimento *Hip- Hop*, transporte público e relacionamentos somaram 5,8%, restando os 46,5% daqueles que declararam não discutir o bairro na rede.

A questão da segurança pública e da violência policial contra os jovens da periferia é um tema caro às Ciências Sociais no Brasil. Os jovens que participam da Batalha da Baleia reclamam da forma de abordagem da polícia, que muitas vezes possuem determinadas posturas discriminatórias, segundo alguns, que lhes retiram direitos fundamentais como o de ir e vir. Segundo a fala de um dos participantes, do encontro da Batalha, que acontece em um bairro de classe média de Juiz de Fora, é interrompida pela polícia sob alegação de que estão perturbando a ordem e determinam que os que não são do bairro devem se retirar. Muitos relataram abordagens abusivas da polícia, atos de violência e de humilhação quando, segundo eles, os policiais percebem que são do *hip-hop*.

Há eu não sei assim, foram vários, mais de 13, de 15, são bastante. Há a gente foi interrompido, tem uns 4 meses pela polícia, sem motivo algum, e eles falaram que a gente não poderia ficar no local, quem não era do bairro e a gente saiu, sabe? Ficamos com isso muito tempo engasgado e hoje a gente voltou ai, com a ajuda de vários parceiros e não vamos mais sair daqui porque é espaço público, a população tem que ocupar. Assim, a galera também tem

muitos compromissos, sabe? Então acho que ficou faltando alguém mais nessa parte burocrática e a gente acabou deixando rolar e hoje “tamo” ocupando, entendeu? “Porque a gente precisa procurar um advogado pra saber que direito de ir e vir “ta” na legislação, então é uma coisa muito simples “ta” aqui exercendo nosso direito.

O estudante André, de 17 anos, destaca a importância das redes sociais para ajudar a divulgar e fortalecer as ações do Encontro de MCs. “A gente usa muito Facebook para divulgar e geral vê lá e cola, tá ligado? É assim que faz, porque por meio de mídia, essas paradas são muito difíceis ter o contato, fazer rolar”, explica, reforçando a dificuldade encontrada por eles para conseguir, através dos veículos de comunicação de massa, garantir visibilidade às suas ações.

As redes sociais, o Orkut e o Facebook hoje em dia são a porta da comunicação pra quem não tem o contato. Qualquer coisa que você postar na internet pode olhar que todo mundo vai lá ver. Até as pessoas que não vêm no evento, depois vê os vídeos lá na internet e ver como que é.

Nesse sentido, segundo esses interlocutores do grupo, as redes podem ser um importante canal para a denúncia de abusos e de luta contra a discriminação.

Segue a mesma opinião, a estudante Cíntia, para quem a maior “arma” do hip-hop contra o preconceito é mesmo a internet: “(...) nos blogs, e no Facebook, é onde o hip-hop está conseguindo se instalar na casa de todo mundo. A gente pega o Facebook e manda bastante vídeo, entrevista. A arma do hip-hop são as redes sociais”. Para ela, sem o auxílio da internet “o hip-hop não ia chegar nem na metade do que ele é hoje em dia”. Isto acontece, ela acredita, porque atualmente as pessoas de todas as classes sociais podem ter acesso facilitado à rede.

O MC Paulo Haroldo acredita que um dos fatores principais que justificam o sucesso alcançado nas redes sociais é o fato de ser um trabalho realizado por todos os envolvidos. “É tudo colaborativo. Eu não posso chegar e cobrar 50 reais pra tirar foto, se eu ‘tô’ querendo apostar na parada”, destaca.

Dentre os assuntos que mais chamam a atenção desses jovens - a cultura - foi um dos temas mais citados, com 77,3%. Seguido por esportes, com 38,6%, assuntos ligados à cidade ou região em que moram (34,1%), política (28,4%), celebridades (21,6%), outros (14,8%) — dentre as respostas obtidas, foram citados temas como jornalismo, dança e atualidades — e religião, com 13,6%.

Outro ponto abordado no questionário tange os motivos que levaram os jovens a fazer seus perfis nas redes sociais e a utilização das ferramentas disponíveis. Grande parte deles (65,5%) afirmou ter utilizado as redes sociais para fazer algum tipo de pesquisa escolar, enquanto 44,8% diz participar de jogos *online*. Há também aqueles que dizem se utilizar do meio virtual para encontrar emprego (39,1%) ou iniciar um relacionamento amoroso (19,5%).

Conforme observa Dias e Couto (2011, p.636), nas redes sociais:

...essa mediação do sujeito com as condições de existência que ele tem diante de si diz respeito ao modo de constituição desse sujeito nesse espaço. Esse modo de constituição passa, em nosso entender, pela formulação e circulação de um conhecimento do/no mundo, de um saber. É desse modo que as redes sociais aqui em questão se organizam para constituir um sujeito do conhecimento e que, ao mesmo tempo, é produtor de conhecimento.

Com relação à divulgação e à pesquisa de eventos, assim como o contato com amigos distantes o percentual variou em torno de 11,5%. Aumentar o contato com amigos já conhecidos foi o principal motivo que levou os entrevistados a criar um perfil nas redes sociais (70,9%), seguido pela possibilidade de conhecer novas pessoas (62,8%), estabelecer relações profissionais (50%) e também pela abertura para dar suas opiniões sobre os assuntos de interesse (32,6%). Na opção de outros motivos (8,1%), surgiram respostas como a possibilidade de retomar o contato com pessoas distantes e a curiosidade que esses meios despertam.

Entretanto, a grande vantagem das redes sociais para esses jovens é a abertura que elas proporcionam. Dos 102 questionários obtidos, 37,2% deles mostram que os jovens se sentem mais a vontade para se expressar nas redes sociais quando comparadas aos meios de comunicação de massa — como rádio, TV, revistas e jornais —, enquanto 33,7% acreditam ter maior liberdade para dar suas opiniões. O espaço dado pelos meios virtuais também foi levado em conta, revelando que 18,6% se sentem com mais espaço para dar suas opiniões e que 3,5% dizem ter maior espaço para fazer suas reivindicações nas redes sociais. Alguns entrevistados (4,7%) citaram os recursos de informação fornecidos pelas redes sociais, o fato de não se sentirem manipulados e também o policiamento tido por eles ao emitir opiniões sobre determinados assuntos.

3. Considerações finais

Tendo como base as informações obtidas através dos questionários aplicados durante a pesquisa, as entrevistas e observações dos eventos e das *fanpages*, foi possível observar que as redes sociais se apresentam cada vez mais como espaço de fortalecimento e afirmação do conhecimento produzido e disseminado pelo movimento.

Em redes como o Facebook estes jovens encontram terreno fértil para divulgar seus eventos, se informarem sobre as novidades do cenário hip-hop, ofertarem seus serviços como DJs ou grafiteiros e conhecer jovens de outras regiões do país, onde parte muito provavelmente não teria condições financeiras de ir e comparar as atividades promovidas nos grandes centros, em especial São Paulo e Rio de Janeiro, com o que está sendo produzido na cidade.

Nesse sentido os processos formais da vivência urbana e política são manifestos pelo movimento na medida em que o *hip hop* passa a atuar nas áreas centrais buscando o seu lugar na cidade, também a formam e a caracterizam, se negando a aceitarem a “não cidade” (Musso, 2010), o “não lugar” que historicamente ocupam as minorias étnicas, confinadas nas zonas periféricas.

Através de seus perfis pessoais (onde centenas de fotografias apresentam seus talentos como cantores, grafiteiros, DJs ou dançarinos) ou de páginas como a que promove o Encontro de MCs em Juiz de Fora e do Movimento *Hip-Hop*, os eventos do cenário *hip-hop* da região são divulgados e as impressões sobre eles compartilhadas. Fotos e *folders* feitos para divulgar os encontros são compartilhados pelos frequentadores, sem nenhum custo financeiro, e os participantes voltam aos fóruns após a realização dos mesmos para comentar sobre o desempenho dos MCs e DJs e postar fotos dos grafites feitos nos muros e placas.

Diante dos dados vistos neste artigo, que atestam sobre a expansão do universo digital no Brasil e no mundo, bem como seu acesso desigual, podemos inferir que a sociedade, e em especial nosso grupo de jovens, experimenta cada vez mais a navegação e comunicação pela rede mundial de computadores, construindo novas formas de conhecimento, sociabilidade e representação.

Existe um novo modo de ser e estar no mundo, que agrega a vida *online*, ou seja, conectada à *web*, com a *offline*, que diz respeito ao mundo externo e atual. Mais ainda, esses espaços são formas de se organizarem, de resistirem e de afirmarem suas preferências e maneiras de se expressarem.

Bibliografía

- Dayrell, J. T. (2005). *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Dias, C. & Couto, O. F. do. (2011). As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Ling. (dis)curso*, Tubarão, 11(3): pp.631-648.
- Dubet, F. (1996). *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dubet, F. & Martuccelli, D. (1996). *A l'école: sociologie de l'expérience scolaire*. Paris: Seuil.
- Foracchi, M. A. (1972). *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo, Livraria Pioneira.
- Fraga, P. C. P. (2008). Juventude, periferia e experiência. *Tempo e Presença*. 3(9): pp.11-25.
- Lévy, P. (2010). *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus.
- Machado, E. P. & Noronha, C. V. (2002). A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. *Sociologias*. Porto Alegre, 1(7): pp. 188-221.
- Mannheim, K. (1982). *O problema sociológico das gerações* [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org), Karl Mannheim: *Sociologia*. p. 67-95. São Paulo, Ática.
- Misse, M. (1999). *Malandros, Marginais e Vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro,.
- Mittimann, S. (2009). A apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais. III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 29 a 31 de outubro de 2009. Belo Horizonte, MG
- Musso, P. (2010). *A filosofia da rede*. In: PARENTE, A. (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. 2ª ed. p.17-38. Porto Alegre: Sulina.
- Oliveira, R. C. de. (1976). *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira.
- Ribeiro, C. C. R. (2006). *O Movimento Hip - Hop como Gerador de urbanidade: Um Estudo de Caso sobre Gestão Urbana em Campinas*. Dissertação de Mestrado. Campinas, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica.
- Sansone, L. (2002). Um campo saturado de tensões: o estudo das relações raciais e das culturas negras no Brasil. *Estudos afro-asiáticos*. Rio de Janeiro, 24(1): pp.5-14.

Simões, J. (2012). Viver (d)o hip-hop: entre o amadorismo e a profissionalização. In: ALMEIDA, Maria Isabel M.; PAIS, José Machado. *Criatividade, juventude e novos horizontes*. Rio de Janeiro: Zahar.

Souto, J. (2003). *Os outros lados do Funk carioca*. In: Viana, H. (Org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e de encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Souza, J. (2005). Raça ou classe? Sobre a desigualdade brasileira. *Revista Lua Nova*. 1(65):43-69.

Weller, W. (2005). A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Revista de Estudos Feministas*, 13(1): pp.107-126.